

## VULNERABILIDADES ÀS IST/AIDS: ANÁLISE DE UM QUESTIONÁRIO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS DA EJA

*Eixo Temático 12 – Educação em Sexualidade e Desenvolvimento  
Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas*

Alessandra Gomes de Sales Hirsch <sup>1</sup>  
Orientadora do Trabalho: Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho parte do princípio que existe a necessidade de pensar práticas pedagógicas que atendam às necessidades da educação de jovens e adultos, valorizando seus conhecimentos prévios. Apresentamos resultados de um questionário diagnóstico aplicado a 10 alunos do 1º ano da EJA (Ensino Médio), com o objetivo de levantar seus conhecimentos prévios, obstáculos, dúvidas, resistências e vulnerabilidades às IST/Aids. Como resultados, os alunos apresentam uma definição coerente sobre IST, reconhecem que são doenças transmitidas através do ato sexual, sem o uso de preservativo, mas não conseguem discernir entre doença e infecção. É necessário desenvolver estratégias que ajudem os estudantes a compreender as características dessas infecções, bem como o respeito a si e ao outro.

**Palavras chave:** IST/Aids; Educação de Jovens e Adultos; Vulnerabilidade.

### INTRODUÇÃO

Considerando que cada pessoa é única e que existem muitas maneiras de ensinar com qualidade, problematizar as vulnerabilidades às IST para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode ser um espaço para a conquista e a superação de alguns mitos e tabus que acompanham esse público diverso e, em sua maioria, que já iniciou

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal - UFABC, [alessandra.sales@ufabc.edu.br](mailto:alessandra.sales@ufabc.edu.br)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Ciências, Universidade Federal do ABC, [meiri.miranda@ufabc.edu.br](mailto:meiri.miranda@ufabc.edu.br)

Esta pesquisa faz parte de um projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na Chamada MCTIC/CNPq Nº 05/2019 – Programa Ciência na Escola.

sua vida sexual. As histórias de vida de muitos desses estudantes, segundo Delgado (2006), podem ser utilizadas como estratégias de investigação para o entendimento da realidade vivida por eles. Na perspectiva de Paiva (2004) e Arroyo (2007), jovens e adultos são sujeitos socioculturais que, muitas vezes, estão à margem dos setores socioeconômicos e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo a sua participação ao mundo do trabalho, da política e da cultura.

Sendo assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), o Parecer CEB 11/2000 e a Resolução CNE/CEB 11/2000, enquanto arcabouços legais, além de explicitar o desenvolvimento das potencialidades humanizadoras dos sujeitos definem também, como princípios da EJA, a educação como direito público subjetivo (BRASIL, 1996; 2000). É importante salientar, que essas diretrizes sinalizam avanços no aspecto pedagógico, uma vez que se preocupa com a especificidade etária e sociocultural dos jovens e adultos atendidos no sistema educacional (BRASIL, 1996; 2000). Portanto, enquanto modalidade que se propõe a reparar, equalizar e qualificar (BRASIL, 2000), a EJA tem como meta o resgate do sujeito na perspectiva da cidadania, ou seja, assume a responsabilidade de “redizer o direito à educação dos jovens e adultos” (PAIVA, 2004, p. 5).

A sexualidade nas aulas de Biologia deve ser abordada de forma que faça o aluno assumir o papel de construtor e condutor do próprio processo de aprendizagem, logo suas opiniões e impressões sobre o assunto têm peso significativo para a condução da aula. De acordo com Assis et al. (2016, p.213) “o processo ensino aprendizagem precisa ser fundamentado na relação de interação professor/aluno, na qual o docente se posiciona como mediador entre o senso comum e o conhecimento científico, em um processo contínuo para a construção do conhecimento”.

A sexualidade faz parte da vida do aluno, o contato com informações sobre o tema ocorre em diversos espaços, como escola, família, amigos, mas também através de diversos meios. E não é raro nos depararmos com mitos e tabus que interferem na tomada de decisão em aspectos relativos à vida sexual.

Segundo Meyer (2007, p.233) “É indispensável, então, questionar, conhecer e analisar as situações de vulnerabilidade a que estão expostos os/as estudantes, principalmente nas escolas públicas [...]”. Tais vulnerabilidades podem ser determinadas por vários fatores como a dificuldade em negociar o uso do preservativo ou ausência de

uma formação sobre sexualidade adequada na família ou na escola. De acordo com Alves e Brandão (2009, p.662), “Mesmo com a crescente difusão de informações sobre sexualidade, a interiorização das normas contraceptivas entre nós é frágil”.

Já em relação aos alunos idosos é possível evidenciar os elementos da vulnerabilidade às IST em virtude das suas vivências pois “a chance de um idoso ser infectado pelo HIV parece invisível aos olhos da sociedade e também dos próprios idosos que não têm a cultura do uso do preservativo” (SILVA et al., 2017, p.20). As mulheres, geralmente depois dos 60 anos, por não se preocuparem mais com a contracepção, muitas vezes, deixam de usar o preservativo, ficando vulneráveis às IST. Na verdade, algumas dessas pessoas viveram parte da sua juventude sem informações sobre a prevenção das IST, por esta razão fica difícil a utilização do preservativo.

Em relação aos alunos mais jovens, a cultura contemporânea, segundo Meyer et al (2007, p.220), enfatiza a necessidade de uma vivência plena da sexualidade, incluindo as ideias de “sair da rotina”, “inovar”, “experimentar sensações novas”. Esses alunos, apesar de todo conteúdo discutido em sala de aula sobre IST e da importância da prevenção, têm uma grande resistência em mudar os seus hábitos, principalmente pela dificuldade em utilizar o preservativo..

Este trabalho faz parte de um mestrado em andamento que tem como objetivo realizar uma pesquisa-ação com alunos da EJA, buscando, em um primeiro momento, identificar o que esses jovens e adultos sabem sobre IST, Aids e HIV e quais seriam as dificuldades do aluno em mudar as suas concepções sobre o assunto e tomar decisões que possibilitem viver as suas experiências de forma responsável, preservando a saúde. Em um segundo momento, pretendemos elaborar e testar uma sequência didática voltada para as especificidades deste grupo e, por fim, avaliar sua contribuição na redução das vulnerabilidades às IST/Aids. Este texto apresenta os resultados encontrados em uma aplicação teste do questionário diagnóstico elaborado para a fase inicial da pesquisa-ação, em especial, quanto às vulnerabilidades dos alunos da EJA frente às IST/Aids.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação que, segundo Michel

Thiollent, é “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Neste trabalho, apresentamos os resultados iniciais obtidos na validação do questionário que será aplicado na fase de diagnóstico da pesquisa-ação. Trata-se de um questionário estruturado elaborado com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito das IST/Aids, que nortearão a fase de ação da pesquisa que consistirá na elaboração e aplicação de uma sequência didática e, posteriormente, avaliação. O questionário é composto por sete perguntas abertas, que versam sobre formas de transmissão, prevenção e tratamento das IST e Aids e foi respondido por 10 alunos do primeiro ano do Ensino Médio da EJA de uma escola estadual da cidade de Santo André. As respostas dos alunos foram analisadas a partir da leitura exaustiva das respostas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando perguntados sobre a percepção às IST, os alunos apresentam uma definição coerente sobre as doenças, eles reconhecem que são doenças transmitidas através do ato sexual, sem o uso de preservativo. No entanto, não conseguem discernir a diferença entre doença e infecção. Atualmente, a terminologia correta é Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), que passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca as possibilidades de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo não apresentando sintomas. Já em relação às formas de transmissão, alguns alunos citaram como prioridade a transmissão das IST pelo contato sexual (oral, anal e vaginal), sem o uso de preservativos. Para Nunes e Mendes (2015), as IST são consideradas infecções de caráter contagioso, ou seja, há risco iminente de transmissão de pessoa para pessoa na maioria das vezes por meio de relações sexuais sendo elas vaginais, orais e/ou anais. É válido ressaltar que, nesta pergunta, uma participante mencionou também a possibilidade da transmissão através do beijo e do contato direto com o sangue infectado, isso se confirma de acordo com Kalinin (2016), na qual cita a sífilis como

uma das IST que pode ser transmitida por meio do beijo, entretanto ele afirma que além do beijo ela pode ser transmitida por várias outras vias, sendo elas, o sexo desprotegido e por transfusão sanguínea.

Na questão: “Como é possível se prevenir das IST?”, a resposta dos 10 alunos foi unânime em afirmar que a prevenção se dá através do preservativo. No entanto, alguns citaram a importância de evitar trocas de parceiros, além de não fazer sexo com quem não conhece. Entretanto suas percepções sobre relacionamentos de confiança expressam a cultura em que estão inseridos no que diz respeito à relação afetivo-sexual. Isso pode explicar a restrição da adoção de comportamentos preventivos, tornando-os vulneráveis à infecção por IST/Aids.

Quando perguntados sobre qual deveria ser a reação de uma pessoa quando o seu parceiro ou parceira não quer usar preservativo, houve uma dificuldade, que pode ser justificada por concepções como: interferência do preservativo no prazer, incômodo na relação e também pela inconsistência em relação aos conhecimentos e práticas em relação ao seu uso (ANDRADE et al, 2015; RIVEMALES, 2009). Parte dos entrevistados (06 alunos) diz que não teriam relações sexuais sem o uso do preservativo. Nas respostas reconhecemos percepções de proteção contra IST/Aids vinculadas aos ideais de amor romântico, suposição de fidelidade entre os parceiros e confiança vinculada às relações estáveis e de maior tempo de duração.

Na pergunta sobre se ter HIV é a mesma coisa que ter Aids, a maioria dos alunos (06 alunos) respondeu que ser portador do vírus HIV é a mesma coisa de ter a doença Aids. É importante salientar que HIV e Aids devem ser tratados de forma distintas. Sendo assim, é necessário desconstruir estigmas, nem todo soropositivo pode transmitir HIV, soropositivos em tratamento de antirretrovirais podem atingir em meses de tratamento uma carga viral considerada indetectável, na qual a transmissão do vírus é nula. Os alunos foram unânimes, quando foram perguntados sobre qual a forma mais eficaz de prevenção contra o vírus HIV, todos responderam, o uso do preservativo.

Percebemos, assim, que os alunos respondentes apresentam um bom conhecimento sobre IST, reconhecem que são doenças transmitidas através do ato sexual, sem preservativo, não compreendem ou não reconhecem a diferença entre doença e infecção e possuem dificuldades em diferenciar os conceitos de HIV e Aids, tidos como sinônimos, por eles. Além disso, identificamos que as possíveis



vulnerabilidades relatadas nas respostas se devem às barreiras ao uso de preservativos, em especial, em relacionamentos mais duradouros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo identificar os conhecimentos básicos sobre IST/Aids em um grupo de alunos da EJA, como resposta à aplicação teste de um questionário diagnóstico. É importante salientar que, essa clientela é bem heterogênea, alunos de diversos contextos sociais, com idades variadas. Após analisar os resultados percebemos que os alunos entendem que uma das formas de contágio para as IST se dá através das relações sexuais, sem o uso do preservativo. Em algumas respostas, reconhecemos também percepções de proteção contra HIV/Aids vinculadas aos ideais de amor romântico, suposição de fidelidade entre parceiros e confiança vinculada às relações estáveis e de maior tempo de duração, aumentando assim as vulnerabilidades à infecção por HIV/Aids. Nesta perspectiva, é importante explorar, na futura pesquisa-ação, os aspectos relacionados às relações estáveis e a baixa adesão ao uso do preservativo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. C. ZACCARA, A. A. L. LEITE, K. N. S. BRITO, K. K. G., SOARES, M. J., M. J. G. O. COSTA, M. M. L., OLIVEIRA, S. H. S. (2015). Conhecimento, atitude e prática de mulheres de um aglomerado subnormal sobre preservativos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 49(3), 364-372. doi: 10.1590/S0080-623420150000300002

ALVES, C. A. BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. 14(2):661-670.2009.

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, A. G. C.; GOMES, N. L. (Orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ASSIS, Thiago Batista; BRIGNONI, Caroline Prado; PIRES, Luciene Lima de Assis. Educação de Jovens e Adultos: Particularidades e desafios. **Anais da Semana de Licenciatura**, Jataí, GO, p. 209-221, out. 2016. ISSN 2179-6076. Disponível em: <<http://revistas.ifg.edu.br/semlic/article/view/550>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº. 11/2000 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000

BRASIL. Lei nº. 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília DF: Congresso Nacional. 23 de dezembro de 1996.

DELGADO, LUCILIA DE A. NEVES. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006. 135 p.

KALININ, Y. Sífilis: aspectos clínicos, transmissão, manifestações orais, diagnóstico e tratamento. **Odonto**, v. 23, n. 4546, p. 6576, 2016.

MEYER, D. E. E.. KLEIN, C.; ANDRADE, S. dos S.. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 219-239. dez. 2007.

NUNES, B. B. S.; MENDES, P. C. Políticas públicas de saúde reprodutiva: contexto histórico e implicações na maternidade em Uberlândia MG. **Caminhos de Geografia**, v. 16, n. 53, 2015.

PAIVA, J. Concepção curricular para o ensino médio na modalidade de jovens e adultos: experiências como fundamento. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Orgs). **Ensino Médio: Ciência, Cultura e Trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

RIVEMALES, M. C. C., ALMEIDA, G. M., QUEIROZ, M. M. A. (2009). Adesão de mulheres ao uso do preservativo em um programa de planejamento familiar de Salvador, Bahia. **Revista de Enfermagem UFPE**, 3(1). Recuperado de <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/262>

SILVA, L. V. S.; MINERVINO, S. dos S. BUENO, A. A. B.; FASSARELLA, C. S.. O uso do preservativo e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na terceira idade. **Revista rede de cuidados em saúde**, Universidade UNIGRANRIO v.8, n.1



(2017).

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.